

#cm

2

TERÇA-FEIRA



Ana Karina Zaratin/Divulgação

# Pronto para abraçar O monstro

Na contramão dos ataques da presença da IA na música, Nasi anuncia que a tecnologia fará os arranjos das canções de seu próximo álbum solo

Por **JÚLIO MARIA** (Folhapress)

O roqueiro Nasi, cantor da banda Ira!, vai se tornar o primeiro artista brasileiro de renome a lançar um álbum feito com inteligência artificial. Seis músicas do projeto chamado “nAsI - Artificial Intelligence” já estão prontas e começarão a ser publicadas nas plataformas a partir do dia 23 de janeiro, quando ele fará 64 anos.

“Alguns vão jogar pedras, mas não estou nem aí”, ele diz. A classe musical tem se voltado contra o uso da IA sobretudo pela ideia de que a criação humana é intransferível e insuperável. E de que, ao fazerem uso de materiais já compostos um dia, as empresas de tecnologia deveriam pagar direitos autorais pelas criações artificiais.

Nasi não só corre para abraçar o monstro do qual sua classe foge como parece pronto para rebater os dois argumentos. Todas as músicas são versões de canções que ele mesmo fez em sua carreira solo: “Corpo Fechado”, “Feitiço na Rua 23”, “Ogum”, “Polvo em Los Ojos (Poeira nos Olhos)”, “Perigoso” e “Alma Noturna”.

Logo, o material que usa como base pertence a ele mesmo. “Não sou contra o pagamento de direitos e estou pronto para fazer isso se alguém reclamar, mas o que a IA está fazendo é o que sempre fizemos quando dizíamos ‘vamos compor um rock tipo Led Zeppelin? Vamos fazer um blues tipo Chicago?’ O Ira! está cheio de referências do The Who. Você acha que eles pensaram em nos processar por isso?”, indaga. Continua na página seguinte

# 'Ser perfeito demais pode desumanizar a canção'

Ana Karina Zaratín/Divulgação e Divulgação

**A** reportagem ouviu as músicas na casa do cantor, em São Paulo. O rock pesadíssimo "Ogum", lançado em 2010 no álbum "Vivo na Cena", se tornou um boogaloo, um ritmo porto-riquenho de baile, quente e sensual. Outra que a IA devolveu, a pedido do artista, com arranjo e ritmo caribenho, mais particularmente "afro-cubano ao estilo Buena Vista", foi "Poeira nos Olhos", lançada no projeto "Nasi e Os Irmãos do Blues" em 2001, no álbum "O Rei da Cocada Preta" - uma adaptação autorizada do tema "Equinox", do jazzista John Coltrane, morto em 1967.

Traduzida para "Polvo em los Ojos", o que a IA fez, por mais indelicado que seja dizer isso, soa melhor do que o que Nasi e os instrumentistas humanos fizeram em 2010. "Eu também achei, pode pôr isso na matéria."

As únicas participações reais no disco são da cantora Nanda Moura no vocal de "Alma Noturna", do guitarrista Johnny Boy em uma segunda voz de "Perigoso" e de dois instrumentistas tocando trompete e violoncelo em duas faixas. A interface das ideias do artista com as plataformas de IA é feita com a ajuda do músico Augusto Junior.

Poderia então o talento artificial da IA superar ideias de arranjos ou mesmo de composições feitas um dia por um artista? "Sim", diz Nasi, convicto. Mas tem aí uma armadilha que pode jogar contra a máquina.

"Polvo em los Ojos", por exemplo, veio com um arranjo de metais característico dos cubanos tão perfeito na ideia e na execução que, em algum momento, diz o próprio cantor, deixa de ser humano. A música, e esse pode ser o próximo debate, não precisa das imperfeições? Sua resposta também é sim.

"Eu fiquei espantado com esse naipe. Quando tocamos com músicos, ouvimos algumas imperfeições, algumas semitonadas. Até os vocais dos Beatles têm isso. Há certos defeitos e sujeiras que, na minha opinião, tornam a música mais humana. Ser perfeito demais pode desumanizar a canção e torná-la robótica."

Haveria espaço para um caminho de



**Nasi admite ter ficado espantado com o resultado final dos arranjos e admite que um processo de composição híbrida deva funcionar melhor**

composição híbrido? "Sim, o ideal seria a mistura entre IA, arranjadores e músicos, todos trabalhando juntos."

O single que será lançado em janeiro, com um clipe também feito em IA, se trata de uma versão de "Corpo Fechado", uma pedrada escrita em 1986 como rap e só gravada como rock sobre uma base de um blues de Muddy Waters em 2006.

O resultado do que Nasi pediu para a IA, "um samba de partido alto com referências de Martinho da Vila, João Nogueira e Agepê" é quase uma insurreição ao que existia. O rock virou samba. E deu certo. "A IA primeiro mandou uns pagodes, que descartei. Depois que citei os nomes dos sambistas, veio a versão definitiva."

O campo mais minado talvez esteja no resultado de "Feitiço na Rua 23", que virou um trap. A original saiu em 2011, no álbum "Perigoso", inspirada em uma história real que

ele conta: "É sobre uma mulher que foi tirada de mim por feitiço. Tive de evoluir espiritualmente para quebrar isso e fazê-la voltar para mim. Tudo bem que depois nos separamos de novo", diz ele, um praticante dos cultos de Ifá e Orixá da tradição Iorubá desde 2009.

"Feitiço" era um rock nos moldes do guitarrista Dick Dale, uma surf music. Podem os fãs estranhá-la agora, em formato de trap? "Cara, não estou nem aí para isso. Só quero me divertir. E vou te dizer uma coisa, me diverti mais fazendo esse disco do que muitos álbuns que fiz com o Ira! Eu senti que poderia me mostrar como cantor cantando coisas que adoro, mas que jamais poderia fazer de outra forma."

Outra vantagem que ele aponta tem a ver com valores. O custo final da produção de um álbum concebido com a ajuda da IA, por mais que traga também a inclusão de instrumentos reais, é, em média, 50% mais barato do que as gravações convencionais.

Uma das canções traz uma crítica velada às intolerâncias imigratórias de Donald Trump. "Perigoso", também de 2011, tinha a participação de Renato Teixeira no canto.

Era um rock rural, quase country, que não se distanciou muito desse universo. A versão atual é feita em ritmo de corrido, um gênero mexicano típico da fronteira com os Estados Unidos e consumido, conta Nasi, pelos "narcos de Tijuana".

"A versão partiu da ideia de uma animação. Criei o roteiro de uma história na qual um galo inspirado no próprio Nasi briga com o galo Trump na fronteira dos dois países. Queria apontar para aqueles americanos vagabundos que colocaram essas pessoas para trabalhar fazendo o que eles não queriam fazer por anos e que, agora, apoiam sua deportação."

Nasi não acredita que vá municiar a vingança de seus detratores bolsonaristas com o disco em IA. Em abril, quando esteve com o Ira! para um show em Contagem, em Minas Gerais, se pronunciou contra uma parte da plateia que vaiou a banda assim que ele gritou "sem anistia" no palco.

"Se eu pudesse voltar ao tempo, falaria diferente. É essa a direita que quer mudar o país? Que é a favor de golpista?" Posicionamento é algo que a IA ainda não faz.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**aqui a três dias, os júris das diferentes mostras competitivas do 46º Festival do Cairo vão anunciar os filmes que renovaram as baterias de um evento estratégico para a conexão entre a África árabe, o Oriente Médio e a Europa, encontrando sua dramaturgia mais explosiva em seu próprio quintal: “Pasha’s Girls”, de Mando El Adl. Sua sessão será nesta terça-feira. É uma das produções que assinalam a nova safra de criações audiovisuais do Egito. Tem nitroglicerina em sua dramaturgia.

Saca só a trama: após um atentado terrorista a uma igreja em Tanta, o corpo de Nadia, funcionária do salão de beleza Al Pasha Women’s Beauty Centre, é encontrado, e a proprietária do centro, Nour Al Pasha, e as funcionárias ficam em apuros com a necessidade de descobrir o incidente, que é basicamente um suicídio, a fim de preservar a reputação do centro em meio à intensa concorrência. Esse enredo evoca uma série de hipocrisias, mas evoca as tensões (quase sempre armada) naquele extremo do planeta – onde um cinema faminto por debates e aplausos tem sido gestado.

Um dos concorrentes da seção Horizontes Árabes o longa de Mando El Adl explora os apuros por que Al Pasha passa para tentar obter uma licença de sepultamento de forma não oficial e ilegal. Suas trabalhadoras se envolvem na causa, na tentativa de encontrar uma maneira de lavar Nadia para o enterro em segredo. No entanto, elas enfrentam várias dificuldades sucessivas. Assim, cada uma delas lembra sua relação com a colega morta. Elas confrontam suas realidades e ações, bem como o papel que Al Pasha representa em suas vidas, numa



“Pasha’s Girls”, que promete ser o filme mais explosivo do 46º do CIFF, é uma crônica sobre hipocrisias egípcias

# Autoralidade à egípcia

Maratona cinéfila do Cairo celebra a prata da casa e mostra a nova safra de estéticas da terra dos faraós, que investem em narrativas de conflitos sentimentais e documentários humanistas

tradução do afeto que corre a nova leva de filmes do Egito.

“Nós chegamos a produzi 60 filmes por ano, mas tivemos uma queda drástica de nossos maiores mercados consumidores no exterior, ao perdermos o Líbano e a Síria, permanecendo com uma boa circulação de nossos filmes pela Argélia e uma parte do Golfo. Caímos de 60 para 16 longas anuais, mas, a cada novo ano que levanto este evento, percebo melhoras no que nós estamos fazendo, sempre em luta para preservar os nossos clássicos, legendando-os para que eles possam circular”, explicou ao Correio da manhã o presidente do Festival do Cairo, Hussein Fahmy. “Nossa luta é para nos mantermos

jovens, com a certeza de que os filmes nascidos aqui têm um ritmo distinto do de Hollywood. Filmamos histórias que mergulham na condição humana, com um histórico de imensa produção e de sucesso popular”.

Apoiado na curadoria de seu diretor artístico, o crítico Mohamed Tarek, Fahmy arquitetou um Panorama Egípcio, só com experimentos dramaturgicos que buscam novas miradas para a terra dos faraós. Dele fazem parte “Silver Tongue”, de Omar Ali; “Cairo, Standstill”, de Amr Abed; “The Day After”, de Zeina Amr Dessouky; “Where the Winds Come From”, de Hassan Nouby; “Blackout”, de Ahmed Mostafa Elzoghby; e “Action, Na-

dia, Cut!”, de Salma Elsharnouby.

Lá no Egito nasceu ainda o documentário que abriu a competição oficial pela Pirâmide de Ouro do Festival Internacional do Cairo (apelidado pela sigla CIFF): “One More Show”. A realizadora egípcia Mai Saad uniu forças com o diretor de fotografia e cineasta palestino Ahmed Al Danaf para criar um estudo comovente sobre os aspectos analgésicos da arte em tempos de guerra. Seu .doc se passa em meio à devastação do genocídio perpetrado por Israel em Gaza, onde um grupo de artistas circenses se recusa a deixar o desespero tomar conta do palco, apelando para técnicas de palhaçaria. Vemos a trupe The Free Gaza — formada por Youssef,

Batout, Ismail, Mohamed e Just — depois de serem deslocados de um extremo norte para o sul da cidade, enquanto transformam sua arte num ato de resistência e resiliência e esperança.

“O Free Gaza trabalha com quase nada, mas eles tinham registros de vozes e de imagens das pessoas que assistem a seus espetáculos, o que foi crucial para o desenho de som do nosso filme”, disse Mai ao Correio da Manhã.

Em seu cuidado com a tradição, Fahmy não esqueceu de seu maior artesanato autoral: Youssef Chahine (1926–2008), o diretor mais aclamado daquele país entre 1950 e 2007, conhecido entre nós por “O Destino” (1997) e “Alexandria... Why?” (Prêmio do Júri na Berlinale em 1979). Com cinco indicações à Palma de Ouro em seis décadas de carreira, Chahine abriu as janelas do mundo para as estéticas audiovisuais do Egito. Para honrar a glória de sua filmografia, o CIFF projetou uma cópia restaurada de um de seus mais potentes trabalhos: “The Emigrant” (“Al-Mohager”), de 1994. O roteiro acompanha os passos do andarilho Ram (Khaled Nabawy), que deixa para trás a vida nômade de sua tribo beduína para buscar conhecimento em novas paragens, em busca de uma reinvenção pessoal.

O Festival do Cairo termina nesta sexta-feira.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**I**nciado numa ponte com a Amazônia brasileira ao pegar carona nos barcos de “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, exibido em sua abertura, no último dia 12, o 46º Festival do Cairo encerra suas atividades nesta sexta-feira, com uma projeção de um potencial concorrente ao Oscar de 2026: “A Voz de Hindi Rajab”. Ganhador do Grande Prêmio do Júri em Veneza e da láurea de júri popular de San Sebastián, o novo filme da tunisiana Kaouther Ben Hania (responsável por “As 4 Filhas de Olfá”), debruça-se sobre o calvário do povo palestino a partir resquícios de uma tragédia real. A partir do áudio original de uma menina que ficou num tiroteio na Faixa de Gaza, em janeiro de 2024, a cineasta reconstitui a luta de um grupo de voluntários para tentar resgatá-la. Antes da projeção desse jogo de cena entre o real e a ficção, o júri presidido pelo artesão autoral turco Nuri Bilge Ceylan (diretor de “Sono de Inverno”) anuncia os ganhadores dos troféus mais esperados do evento egípcio, incluindo a Pirâmide de Ouro. Nas múltiplas latitudes do evento, sete longas ganharam holofotes, sob as bênçãos dos faraós. Confira os mais badalados.

“**THE SILENT RUN**”, de Martha Bergman: Só a sequência inicial, em tons rubros terrígenos, com um casal a se amar como se o nosso mundo não estivesse ruínas, num espaço que parece um casulo, bastou para cacifar esta produção da Bélgica como um dos achados do Cairo, em 2025. É um estudo sobre imigração. No roteiro, os imigrantes Sara, Adam e sua filha de dois anos chegaram ilegalmente à Europa, por fronteiras belgas, e esperam finalmente conseguir chegar à Inglaterra. Amontoados com outros refugiados na parte de trás de uma van, eles provam do medo, que começa a prevalecer sobre a esperança. Um policial complicará a vida desse pessoal, colocando sua própria farda em xeque, num dilema ético acerca da intolerância.

“**AS WE BREATHE**”, de Seyhmus Altun: Vinda da Turquia, essa produção fez barulho nos festivais de San Sebastián



*The Silent Run*

# Tesouros de encantar faraós

e de Toronto antes de bater ponto no Egito. Nela, somos levados a uma pequena cidade da Anatólia, no início dos anos 2000, onde o mundo cartesiano de Esma, de dez anos, desmorona silenciosamente após uma explosão em uma fábrica provocar um incêndio implacável. Enquanto a fumaça envenena a terra e sua família luta para sobreviver, a guria se agarra ao que resta de sua infância. Uma sequência com um pedregulho assombrou o Cairo. Defne Zeynep Enci é a intérprete de Esme e seu desempenho é acachapante.

“**CALLE MÁLAGA**”, de Maryam Touzani: Eis o filme mais “já ganhou!” da disputa pela Pirâmide d’Ouro deste ano, com a diva madrilenha Carmen Maura numa afiada atuação. No sábado, o longa ganhou três prêmios noutra festival, o de Mar Del Plata, na Argentina: Melhor Filme, Melhor Atriz e Júri Popular. Musa de Pedro Almodóvar nos anos 1980, estrela de “Veneza” (2019), de Milhuel Falabella, Carmen vive María Ángeles, espanhola de 79 anos que mora sozinha em Tânger, no Marrocos, e aprecia sua rotina diária. No entanto,

Sete produções arrebataram corações do Egito no Festival de Cairo na primeira semana do evento, que entra em sua reta final, flertando com potenciais concorrentes ao Oscar

Divulgação

**Complaint N° 713317**

Divulgação

**As We Breathe**

Divulgação

**Triangle of Love**

Divulgação

**The Things You Kill**

Divulgação

**Looking for Ayda**

Divulgação

**Calle Málaga**

sua vida vira do avesso quando a filha chega de Madri para vender o apartamento onde sempre viveu. Determinada a ficar, María faz tudo o que pode para recuperar sua casa e seus pertences e, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade.

**“COMPLAINT NO. 713317”**, de Yasser Shafie: Uma deliciosa comédia que poderia fácil, fácil ser refilmada com Tony Ramos e Glória Pires. O roteiro acompanha Magdy e Sama, um casal de aposentados cuja vida tranquila em seu apartamento no distrito de Maadi é perturbada quando a geladeira quebra. O que começa como um simples concerto rapidamente se transforma em um confronto de meses com uma empresa de manutenção duvidosa, expondo não apenas as falhas do sistema, mas também imperfeições nas vidas de seus protagonistas.

**“THE THINGS YOU KILL”**, de Alireza Khatami: A Turquia vem emplacando cults sazonais em festivais e este thriller de franjas políticas é dos mais potentes trabalhos egressos daquela pátria. Assombrado pela morte suspeita de sua mãe doente, Ali, um professor universitário (vivido por Ekin Koç), coage seu enigmático jardineiro a executar um ato de vingança a sangue frio. Alireza venceu o prêmio de Melhor Direção em Sundance por suas destrezas narrativas.

**“LOOKING FOR AYDA”**, de Sarra Abidi: Zeineb Melki é uma força da natureza à frente do papel título deste drama existencial da Tunísia. Na trama, Ayda trabalha há vários anos como operadora num call center. Ela tem quarenta e poucos anos e mora sozinha num apartamento. Passa os dias trabalhando, repetindo incessantemente as mesmas frases para estrangeiros do outro lado da linha. A rentabilidade é tudo o que importa em seu trabalho, até que o inesperado muda as regras dessa trama filmada pela realizadora de “Benzine” (2018).

**“TRIANGLE OF LOVE”**, de Alaa Mahmoud: Eis aqui a principal descoberta documental do Cairo em sua maratona cinéfila deste ano, estruturada inteiramente de conversas, de confissões e de visitas a hospitais, entre esperas por consultas médicas que se tornam reflexões filosóficas. O foco é a luta da professora de Cinema Maha Al-Shenawy para sobreviver a um tumor. Alaa estudou com ela e tenta resgatar, por meio de sua batalha pela vida, a educadora resiliente que ela foi. Em meio a check-ups, o longa expõe as reflexões dela sobre o Divino e sobre o terreno.

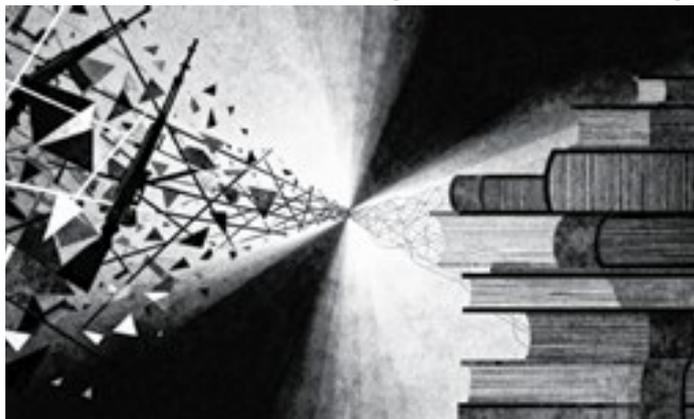
## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

### Existe matemática negra?

Na primeira aula, sempre pergunto “o que é a liberdade” e, sem exceção, alunos respondem que “liberdade é fazer o que se quer”. Durante anos, só ouvi essa resposta na primeira aula de Filosofia. Liberdade é conceito, não cabendo ou à literatura, ou à sociologia, ou à história, pensar o conceito para dar a ele consistência filosófica. Só, e tão somente, cabe à filosofia criar o conceito para que a ideia de liberdade não seja opinião pessoal.

Imagem criada com a IA One Image



Certa vez, na escola pública, uma aluna perguntou se eu não lecionaria “filosofia africana”, e disse-lhe que “não existe filosofia africana como não existe filosofia europeia”. Perguntei: “existe matemática negra e existe matemática branca? Assim como a matemática, não há filosofia do negro e não há filosofia do branco”.

Filosofia não é opinião. Nela, uma ciência em que a palavra recebe o mesmo raciocínio lógico que o número matemático recebe, e essa ciência é a metafísica, é onde a filosofia se serve do cálculo feito com palavras; é onde, assim como a matemática, não há opinião pessoal, porque a palavra, por meio da metafísica, adquire a condição de conceito. Conceituar é não opinar.

Tal como a liberdade, a luta é conceito e, em 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemora-se a imagem de um modelo de luta, o mesmo modelo que aparece nas cenas do filme “Malês”, do diretor Antônio Pitanga. Por outro lado, a luta de Luiz Gama se opõe a esse modelo, o mesmo de Zumbi, havendo, portanto, outra forma de combate em relação à injustiça étnica. Mas por que o modelo de Zumbi prevalece acima ao de Luiz Gama? Em que sentido as lutas de Zumbi e de Luiz Gama se diferem?

Na escola, jamais ouvi o nome Luiz Gama, quem considero herói nacional, exemplo de vida, cuja inteligência é incomum. Há muitos anos, tenho Luiz Gama como referência de quem expressa ideia de luta oposta à de sua mãe negra, Luiza Mahin, tendo sido presa por suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, por isso tenha talvez participado do Levante dos Malês. Luiza desapareceu.

Quando se trata de luta, o movimento negro nem cita Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nascido em 21 de junho de 1830 e falecido em 24 de agosto de 1882. Bruno Rodrigues de Lima recebeu o prêmio de melhor tese de doutorado na Alemanha por ter publicado “Luiz Gama contra o Império”. Conhecer seu conceito de luta passa pela filosofia, além de ser obrigação cívica.

## CRÍTICA / LIVRO / O IMPERADOR DA FELICIDADE

Por Isabela Yu (Folhapress)

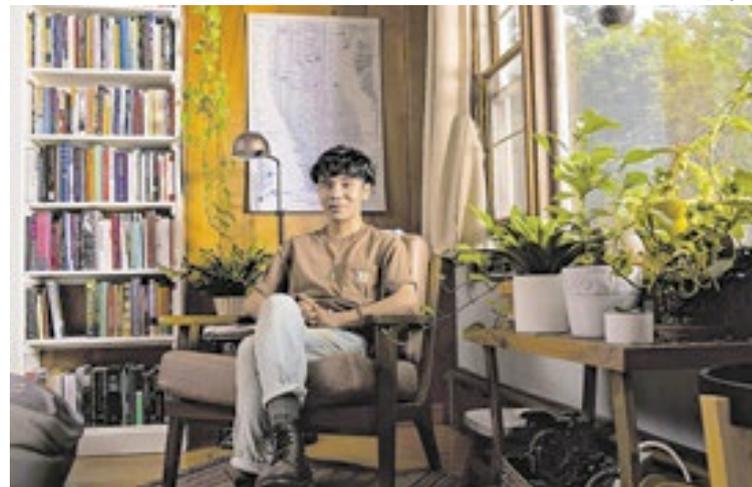
**D**a sua casa na região de New England, nos Estados Unidos, Ocean Vuong conta que o clima começou a esfriar, e as folhas no chão mostram que o outono chegou. É a sua temporada favorita. “Estamos nos preparando para o Dia de Ação de Graças, é uma época aconchegante, vejo como a estação do escritor”, diz por telefone. A rotina caseira vem a calhar. Desde maio, o vietnamita-americano rodou o país e a Europa para divulgar “O Imperador da Felicidade”, que acaba de sair pela Rocco.

Vuong foi reconhecido pela crítica - recebeu a “bolsa para gênios” da Fundação MacArthur - e abraçado pela cultura pop. O novo romance mostra Hai, de 19 anos, do outono à primavera. Prestes a cometer suicídio, é dissuadido por Grazina, mulher lituana octogenária com demência. Esquecidos pelas famílias e pela sociedade, eles se tornam amigos e dividem intimidades ao morarem no mesmo espaço. “As pessoas acham essa história exótica, mas o cuidado intergeracional é comum em famílias asiáticas. Sem essa bagagem cultural, talvez ele tivesse vergonha, mas não sou branco, então não consigo imaginar esse cenário.”

O trabalho absorve ideias de seu primeiro romance, o premiado “Sobre a Terra Somos Belos por um Instante” (2019). Levando a cadência da poesia à prosa, a obra foi traduzida para 40 idiomas. Há ecos entre as duas histórias, já que ambas bebem da vida do escritor de 37 anos que estreou com a coletânea de poemas “Céu Noturno Crivado de Balas” (Ed. Âyiné).

Nascido em Saigon, Vuong cresceu no estado americano de Connecticut e, assim como Hai, também se viu em becos sem saída, lidou com o abuso de drogas e trabalhou em redes de fast food. Nesse período, testemunhou colegas escolherem entre a criminalidade e o salário mínimo. “Um amigo me con-

MacArthur Foundation/Divulgação



Ocean Vuong diz que já se viu em becos sem saída

## Uma voz dos anti-heróis do capitalismo

Divulgação



vidou para vender drogas, e eu fui. Enquanto estava no carro, percebi como estava nervoso e não ia conseguir fazer aquilo, mas esse caminho fazia sentido para muita gente”, lembra o autor. O uso de drogas funciona como válvula de escape da realidade, mas o humor também pode ser medicamento. “As mulheres da minha família contavam histórias traumáticas sobre o passado e o ar ficava tão denso que elas riam. Era um jeito de entender como a violência era absurda”, lembra.

Ainda que a vida seja dura e os

personagens sejam pobres, eles podem se amparar uns nos outros. “A maioria das pessoas é frágil e medrosa”, diz o protagonista. “Basta conversar com alguém por mais de meia hora para perceber que tudo o que essa pessoa faz é uma farsa para evitar que ela desmorone”.

Para os anti-heróis do livro, a falência do Estado e os sintomas do capitalismo são sentidos na pele - essas pessoas não têm reviravoltas ou ascendem de classe. Dia após dia, batem ponto no trabalho e tentam não sucumbir. Seus dois últimos livros têm um quê de romance de formação, com protagonistas recém-saídos da adolescência que não se sentem em casa no seu país. “Apenas os poderosos e bem-sucedidos têm suas juventudes celebradas, as pessoas nas margens não recebem o mesmo tratamento. Quis escrever um contraponto a isso.”

“Meus personagens nunca fariam algo que eu mesmo não considerarei fazer. A beleza da ficção é criar experimentos e simulações, ver personagens em situações que eu nunca vou viver. Tenho apenas um rascunho da minha vida, mas eles podem ter 15 versões”, comenta o autor.

ENTREVISTA / SILVIA LERNER, HISTORIADORA E ESCRITORA

# 'Só quem conhece a História será capaz de fazer com que esses erros não se repitam'

Gabriela Vingnon/Divulgação



Divulgação

Por Affonso Nunes

**A** história do Holocausto costuma focar sua narrativa na perseguição aos judeus, mas o terror nazista alcançou diversos outros grupos considerados ameaças ao chamado ideal de pureza ariana. É justamente sobre essas “vítimas esquecidas” que a historiadora Silvia Lerner se debruça em seu novo livro, “As vítimas esquecidas em Tempos de Intolerância: o Nazismo” (Ed. Rio Books).

É a primeira publicação brasileira sobre o tema e se destaca por sua abordagem abrangente. Enquanto as poucas obras internacionais existentes focam em apenas uma minoria por vez, Silvia Lerner reuniu em um único volume a história de pessoas com nanismo, ciganos, comunistas, deficientes físicos e mentais, gêmeos, homossexuais, intelectuais, maçons, mulheres, negros e testemunhas de Jeová que foram perseguidos, torturados e enviados a campos de concentração.

A obra contextualiza historicamente o período e a ideologia racial nazista antes de mergulhar em capítulos dedicados a cada grupo, recheados de relatos de sobreviventes. Entre as histórias narradas está a dos sete irmãos da família Ovitz, pessoas com nanismo que foram submetidas a dolorosas experiências pelo médico Josef Mengele em Auschwitz e formaram a família mais numerosa a sobreviver ao campo.

Filha de sobreviventes do Holocausto, Silvia Lerner alerta para a atualidade do tema. “O tempo de hoje é de muita intolerância, e isso vem há muito tempo”, alerta a autora, que é professora especializada em estudos sobre o Holocausto, com formação em Direito, História, Pedagogia e mestrado em Psicanálise, Sociedade e Cultura.

O livro integra uma trilogia sobre o nazismo iniciada com “Arte em Tempos de Intolerância: Theresienstadt” (2021) e “A música e os músicos em Tempos de Intolerância: o Holocausto” (2023).

A seguir, em conversa com o Correio da Manhã, a pesquisadora manifesta suas preocupações com a escalada do ódio e da intolerância.

**Quais lições históricas sobre a intolerância e perseguição de minorias o seu livro busca destacar que podem ser importantes para a sociedade contemporânea?**

**Silvia Lerner** - Mostrar que apesar de tantas décadas decorridas, a sociedade contemporânea ainda apresenta muita Intolerância, muito preconceito com o outro, o Diferente daquele que a sociedade impôs como sendo o correto e o esperado.

**No livro a senhora descreve experimentos desumanos realizados em minorias como os gêmeos e os ciganos. Como esses relatos contribuem para a compreensão do impacto pessoal e humano do horror nazista?**

Minha proposta é desconstruir a ideia de que somente o judeu foi a vítima e mostrar que a desumanidade persistiu com outras minorias também. E desejar que o homem aprenda o que a intolerância é capaz de gerar.

**Como a senhora enxerga o ressurgimento das forças políticas de extrema di-**

**reita atualmente em várias partes do mundo. Essas forças, inclusive, tendem a relativizar as práticas do nazismo...**

A extrema direita ressurge para se contrapor com o pensamento de esquerda e é marcada pela polarização, pela crítica a instituições democráticas e pelo discurso contra a “elite corrupta”, refletindo a disputa de narrativas políticas, como a da “guerra cultural” e minimizando atitudes da extrema direita do governo nazista.

**De que forma este aumento da intolerância religiosa, racial e política pode ser prevenido?**

Possivelmente através do conhecimento do que a intolerância é capaz de gerar, ensinando sobre as diferentes formas de Intolerância, não só do século XXI, mas também de séculos anteriores, podendo se chegar até a Idade Média.

**Como o trauma coletivo causado pelo Holocausto e outras perseguições nazistas influencia as gerações descendentes dessas vítimas no século 21?**

Essa geração de descendentes procura muitas respostas e acredito que esse será o futuro para que se restabeleça a Tolerância entre os homens e os povos.

**Quais sinais de alerta devemos observar para evitar que a intolerância evolua para perseguições sistemáticas como as vistas no nazismo? E qual o papel da educação e da memória nesse processo?**

A educação e a memória são ferramentas fundamentais para os mais jovens, principalmente eles, pois só quem conhece a História será capaz de fazer com que esses erros não se repitam.

Teatro Gláucio Gill recebe 'O Último Ensaio', espetáculo criado nos 15 anos das Cia Omondé

**D**ando continuidade ao Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias, o Teatro Gláucio Gill recebe nesta terça-feira (18) apresentação única de "O Último Ensaio", espetáculo que marca os 15 anos da Cia Omondé oferecendo ao público uma reflexão metalinguística sobre comunicação, caos urbano e a persistência do teatro como refúgio.

A dramaturgia se passa numa espécie de bunker teatral, um dos poucos lugares seguros em meio à destruição de uma metrópole futurista em ruínas. Ali, nove atores e atrizes — seis integrantes da Cia Omondé (Carolina Pismel, Débora Lamm, Júnior Dantas, Leonardo Brício, Luis Antonio Fortes, Zé Wendell) e três convidados (Jade Maria Zimbra, Lux Nêgre, Jefferson Melo) — se reúnem para ensaiar uma peça. Enquanto fazem palavras cruzadas e buscam dar sentido às suas vidas, o público chega para respirar um pouco e se divertir, apesar do caos e da



Rodrigo Menezes/Divulgação

*Em 'O último Ensaio', um grupo de atores vive as incertezas acerca de uma estreia que talvez nunca aconteça*

# A resposta está no teatro

violência que espreitam do lado de fora.

Que perguntas nós fazemos para continuar seguindo nesse mundo em ruínas? É a pergunta central do espetáculo que

não oferece resposta que não passe pela ação de ensaiar, de buscar, de encontrar-se com outros corpos no espaço compartilhado do teatro.

"O teatro é o lugar do encontro, da elaboração de memórias, da reflexão. Epifanias são geradas através desse contato presencial e único. Para comemorar os 15 anos da Omondé, sentimos a necessidade de valorizar os artistas e a própria arte em si", destaca Inêz Vianna.

A Cia Omondé consolidou-se ao longo de 15 anos como espaço de investigação dramática e experimental, frequentemente abordando questões sociais e políticas através de linguagem cênica sofisticada. "O Último Ensaio" sintetiza essa trajetória, colocando no centro questões sobre por que fazer teatro persiste como necessidade mesmo quando o mundo exterior colapsa. Seria este o derradeiro ensaio antes de uma estreia que nunca acontecerá? Seria o último espaço de resistência antes do silêncio final? A peça não resolve essa tensão, mas a mantém viva, oferecendo ao público convite para pensar junto sobre a função do teatro em momentos de crise.

## SERVIÇO

### O ÚLTIMO ENSAIO

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)  
18/11, às 20h | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

## NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

### A busca de um Zé

Voltado ao público jovem, o monólogo "Destino de Zénin" estreia nesta terça-feira (18) no Teatro Ziembinski, na Tijuca. Escrito e interpretado por Rafa Domi, com direção de Rohan Baruck, o espetáculo utiliza projeções mapeadas para contar a trajetória de autoconhecimento do personagem Zé. As apresentações ocorrem às terças e quartas, às 20h, até 3 de dezembro. A entrada é gratuita. Todas as sessões incluem intérprete de LIBRAS e recursos de acessibilidade.

Stephany Lopez/Divulgação

Marcelo Cortes/Divulgação



## No limite do estresse

"Takotsubo, Coração Partido" está em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, até o dia 30. Com dramaturgia de Monica Guimarães e Claudia Mauro, e direção de Édio Nunes e Larissa Bracher, o espetáculo aborda os impactos físicos e emocionais do estresse extremo. A protagonista é diagnosticada com a Síndrome de Takotsubo. Sessões às sextas e sábados, às 19h, e domingos, às 18h. O espetáculo promove rodas de diálogo com especialistas após as apresentações.



Divulgação



## Da web aos palcos

Fenômeno no YouTube, a animação do caozinho Bluey ganha versão teatral. "Bluey Ao Vivo – Diversão em Família!" está em cartaz no Teatro Claro Mais RJ. O show oficial da premiada série australiana acompanha Bluey, uma adorável cachorrinha da raça Blue Heeler, que vive com sua mãe, seu pai e sua irmãzinha, Bingo. Com energia de sobra, Bluey transforma qualquer brincadeira em jogos imprevisíveis. O elenco de 14 atores e bailarinos apresenta músicas da série.